

# **A escola, a juventude e o desafio da baleia azul: construindo uma proposta de ensino pautada no uso de metodologias ativas de ensino em sala de aula**

Autores

Mauro Meirelles, Daniel Gustavo Mocelin, Luciana Hoppe

**Resumo:** De uma maneira geral, podemos dizer que o pós-moderno se caracteriza não apenas como uma novidade em relação ao moderno, mas também, como dissolução daquilo que entendemos como novo. E, neste sentido, a ausência de perspectivas concretas em relação ao futuro pode, do ponto de vista psíquico e social, ter consequências drásticas entre os setores mais jovens da população. Sendo assim, num mundo cada vez mais permeado pela tecnologia, pela ausência de vínculos sociais mais sólidos, pela forte ausência de valores e referenciais sociais, ganha cada vez mais espaço no seio de nossa sociedade um movimento que se perfila na construção de uma felicidade quase paradoxal. A qual, por um lado, mostra jovens que estão nas redes sociais comendo, bebendo, usando drogas etc, mas que, por outro, não mostra, o aumento exponencial no número de casos de jovens com transtornos de ansiedade, depressão e bulimia etc. Metaforicamente, podemos dizer que esses jovens vivem a curta vida dos ratos dos experimentos de Miller e Dollard, os quais, atingiram o auge de sua excitação quando a sensação de “a atração se igualou à repulsão”. Mecânica de jogo essa, semelhante aquela proposta pelo desafio da baleia azul. Dito isto, no presente texto busca-se pensar e discutir o uso metodologias de ensino pautadas na criação de jogos e no uso de tecnologias em sala de aula com vistas a se produzir um maior envolvimento dos jovens e da comunidade escolar com aquilo que acontece na escola e no interior desta.

**Palavras-chaves:** Escola, Juventude, Ensino de Sociologia, Jogos, Metodologias ativas

## **Introdução**

Vivemos num mundo de constantes mudanças. Mudanças rápidas e cada vez mais frequentes. Um mundo, onde valores, expectativas e modos de viver e pensar o presente e o futuro mudam de modo bastante rápido a partir de diferentes experiências tidas por diferentes sujeitos em diferentes momentos de sua vida. Experiências essas que se mostram bem mais marcantes, todavia, entre as crianças e jovens na medida em que, para estes, tais experiências fazem parte de seu processo formativo e terão nestes um efeito e impacto prolongado de modo que, parafraseando Corso (2006), podemos dizer que depois da infância as fadas, os heróis e todo tipo de personagem de nossa infância ao invés de voltarem para o mundo encantado das histórias infantis, acabam por povoar o divã de grande parte dos psicanalistas.

Da mesma forma temos também que muito daquilo que na juventude será para nós um ritual de passagem para a vida adulta como por exemplo, a menina que começa a namorar e vai morar sozinha, a menina que resolve ser mãe, ou ainda, o menino que ao fazer 18 anos já quer sua carteira de motorista e que, já desde os 14 ou 15 anos já busca viver a vida das ruas, brigar e ter sua turma, é em nós construído desde a mais tenra idade. Construído a partir de uma certa divisão sexual da infância que divide o mundo em



coisas de menino e coisas de menina. Que aos meninos reserva os carrinhos e os bonecos de luta e, as meninas, as bonecas e as casinhas de brinquedo.

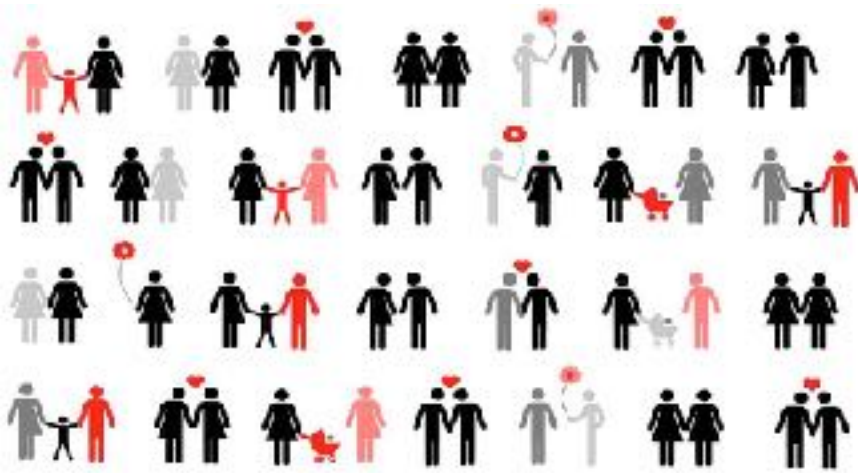
Mas que, também, no interior do círculo mágico - conceito esse desenvolvido por Huizinga (2001) para pensar a brincadeira e os jogos, mas que, hoje é utilizado para se pensar também a produção de jogos de videogame e a educação - das histórias infantis da mesma forma realiza um corte, onde, a

violência, a luta e o perigo é vivenciado pelos meninos que de certa forma estão andando pelas ruas da cidade, pelas florestas e pelo entorno dos castelos deixando as meninas confinadas a este último e as histórias de princesas e príncipes de modo que, sua redenção, na maioria das vezes, se dará a partir de um personagem masculino que a salvará dos perigos e ameaças do mundo dos contos de fada.



Contudo, desde algum tempo, mas não há muito mais de duas décadas temos observado um movimento tanto literário como cinematográfico que busca reconstruir essas histórias, tirando das crianças essa inocência de modo que, de indefesas crianças que encontram-se a mercê de uma bruxa malvada que vive numa casa de doces na história original, João e Maria, tornam-se caçadores de bruxas. Assim como, o ogro ao invés de virar príncipe ou

princesa, é reconstruído a partir da história Shrek.



Desta feita, o que se observa, portanto, é um movimento constante de reconstrução de referências e referenciais de modo que, no âmbito da modernidade e daquilo que, hoje, denominamos de pós-modernidade, existem tantas versões e

interpretações da realidade quantos forem os pensadores e teóricos que dela se ocupam. Movimento esse que também tem seus efeitos na população em geral através dos média e do amplo acesso que hoje temos a uma infinidade de materiais impressos ou digitais a partir de diferentes suportes e ao alcance de nossa mão através de um mero smartphone.

## 1. A escola, a família e as instituições

Já faz algum tempo que as estatísticas nos mostram haver uma mudança significativa no modo como a família brasileira está estruturada de modo que, é, cada vez mais comum a ocorrência de famílias (mono)nucleares, ou seja, que se estruturam a partir da figura somente do pai ou da mãe de modo que, dependendo do arranjo, pouco ou nenhum contato há da criança com figura paterna e/ou materna ausente. Ainda nesta direção, é importante que se registre aqui, que também é cada vez mais comum a ocorrência de arranjos familiares (mono)parentais onde crianças e jovens convivem e vivem uma vida como qualquer outro jovem com a diferença que seus pais são dois homens e/ou duas mulheres.

Seguindo essa linha de pensamento e retomando aqui algumas observações bastante comuns as estatísticas mais recentes merece destaque também a constatação de que, de uma maneira geral, salvo o observado nos setores mais desprovidos da população, cada vez mais as famílias tem se tornado menores e reduzido o número de filhos de uma geração para a outra. Algo que - se somado a crescente migração em busca de oportunidades e trabalho em diferentes lugares do país e, também, ao crescente isolamento que a proliferação de condomínios, de apartamentos e, porque não, a violência urbana, tem imposto a maioria das pessoas que vivem nos grandes centros -

cria um cenário de certa forma desolador onde o número de vínculos sociais reais que temos se tornam cada vez menores - ao mesmo tempo em que crescem as conexões virtuais via redes sociais - gerando entre a população mais jovem um crescente cenário de anomia e ausência de expectativas em relação ao futuro.

Da mesma forma, também a escola em função das necessidades da sociedade



contemporânea e daquilo que se espera dela têm passado por mudanças significativas que estão para além do papel primordial a ela atribuído por Émile Durkheim (1975), qual seja, de formação das gerações mais novas para o convívio em sociedade a partir certos valores, normas e crenças que são socialmente tidas como necessárias para o pleno desenvolvimento humano e, porque não, também, o exercício pleno da cidadania.

Também é fato que a escola para além de ser também um agente de socialização que juntamente com a família e a igreja atua na formação das novas gerações tornou-se, há um bom tempo, quase um depósito de crianças onde os pais largam os filhos antes de irem para o trabalho. O que de certa forma explica o crescente número de escolas particulares que, já faz alguns anos, passaram a oferecer um sem número de atividades em turno inverso. Algo que podemos observar também no âmbito das diferentes redes públicas de ensino onde cada vez mais aumentam os números de programas estatais e/ou parcerias público-privadas que ofertam atividades no turno inverso ao das aulas uma série de oficinas e atividades aos alunos dessas escolas.

Outrossim e avançando no desenvolvimento de nosso argumento tem-se ainda que, dentre as demais instituições e instâncias a que as teorias clássicas atribuem importante papel socializador - dentre as quais se destaca a imprensa, o trabalho e os partidos políticos - tem-se que o cenário não é muito diferente. Pois, cada vez mais, a mídia perde sua credibilidade em função dos crescentes escândalos e debates envolvendo a adoção de posições bastante questionáveis ligadas a interesses privados e voltadas a defesa de um ou outro grupo social em particular, sem falar no investimento

massivo que tanto os jornais quanto a televisão tem feito na mídia sensacionalista criando, entre a população, um imaginário de futuro meio apocalíptico e próximos aquele desenhado pelos filmes de ficção futuristas onde a violência, o uso de drogas, a sociedade de castas, a pobreza e a miséria são colocados em destaque.

No âmbito das instituições políticas, assim como nos media, cada vez mais crescem os episódios envolvendo o desvio de recursos públicos e/ou o uso de bens públicos para fins privados, assim como, de partidos e líderes políticos envolvidos em esquemas de corrupção e/ou favorecimento de grupos e/ou empresas de modo que, o contribuinte tem pouco ou nenhum retorno daquilo que é recolhido por meio de diferentes tributos e impostos. Ruas esburacadas, falta de médicos e policiais nos grandes centros urbanos são uma constante e, o que dizer das pequenas e médias cidades? Tudo isso leva a que, também no âmbito da política as perspectivas com relação ao futuro não sejam das melhores de modo que, prevalece entre a população, um imaginário que beira o contexto francês que antecedeu a Queda da Bastilha. Onde, parafraseando a Rainha de Copas do mundo de Alice, só nos resta dizer: Cortem as Cabeças!

E, em relação ao trabalho, o que dizer em um país onde há muito tempo o desemprego já é estrutural ao ponto de se mudar a metodologia de coleta de dados nas pesquisas com vistas a se maquilar o fenômeno e se ocultar a existência do subemprego e do trabalho informal. Ou será que as pessoas estão dirigindo 9 a 10 horas por dias carros para empresas como a Uber e a Cabify apenas para complementar sua renda? Quiçá que não! Se está a dirigir para viver na esperança de não se ser mais um figurante a estar sob imensa esteira do capitalismo que transformou o ser humano - e maioria da população mundial - em matéria prima para a produção da riqueza de alguns como muito bem ilustra o clipe da música "Another Brick in the Wall", da banda londrina Pink Floyd, cuja frase trecho mais icônico, em tradução livre passa a seguinte ideia:

Não precisamos de nenhuma educação  
Não precisamos de controle mental  
Chega de humor negro na sala de aula  
Professores, deixem as crianças em paz  
Ei! Professores! Deixem essas crianças em paz!  
No fim das contas, era apenas outro tijolo no muro  
Todos são somente tijolos na parede

E, então, o que esperar do futuro? Como ser otimista em relação a este? Porque a escola não faz mais sentido? Será que estamos cansados da vida ou essa não mais nos desafia? Porque a busca de prazeres efêmeros se tornou uma constante? Porque jogos que nos desafiam a ter um papel mais proeminente e nos colocam no interior do círculo



mágico (e de certa forma nos remetem a nossa infância) fazem tanto sucesso entre jovens e adultos, como é o caso, por exemplo, do desafio da baleia azul? Para responder a essa questão é necessário que, antes de mais nada façamos uma digressão e, a partir dela, pensemos e repensemos a nossa atuação em sala de aula.

## 2. Da infância à vida adulta: ou das duas faces de Jano



Desde os tempos mais antigos, a contação de histórias tem sido usada para formar novas gerações, seja ao redor de uma fogueira em uma noite enluarada, seja na escola onde educamos nossos filhos, seja no tête-à-tête com nossos pais ou avós que quando éramos crianças e, estes, nos contavam histórias para dormir. Neste sentido se rememorarmos as nossas mais antigas lembranças nos daremos conta que Chapeuzinho Vermelho, Pinóquio, Cinderela e, também a Branca de Neve, foram durante muito tempo

nossos melhores amigos imaginários. Foram eles que nos ensinaram a não falarmos com estranhos quando saímos a rua, que não devemos mentir, que no final tudo dá certo e que sempre deve prevalecer em nós a bondade. Mas, a medida que vamos crescendo, as princesas e os anões foram aos poucos sendo deixados de lado.



E, em seu lugar novos personagens e entes fantásticos passam a ganhar espaço com a vida nas cidades. É o caso, por exemplo, do mendigo, que vira o velho do saco e assim substitui o velho lobo mau da nossa infância, ganhando novas cores e roupagens de modo que, histórias diferentes e novos personagens passam a surgir no interior daquilo que denominamos círculo mágico. Contudo, a moral da história mesmo que contada de outra forma continua a mesma, seja com o lobo, seja com o

velho do saco, qual seja, de que não devemos falar com estranhos.

Diante disto, tem-se que é fato de que a prática de contação de histórias é uma das metodologias de ensino mais utilizadas nas séries iniciais do ensino fundamental com vistas a trazer para o aluno de forma lúdica certo conjunto de valores, normas e crenças tidas como fundamentais para a vida em sociedade (Durkheim, 1975) quando este discute o papel e a finalidade da escola no livro “ Sociologia e Filosofia”. Mas, também, importa aqui explorar outros conceitos que dão a base ao nosso argumentos e atrelados ao pensamento de Lev Vigotsky (1991) e Piaget (1985, 1986), os quais, podem tornar o trabalho docente e a tarefa de educar as crianças em algo lúdico e divertido, como muito bem apontou essa possibilidade os estudos críticos de Sperhacker, Hoppe e Meirelles (2016).

Contudo, com o passar dos anos as histórias disneyficadas deixam de fazer sentido a medida em que, ao mesmo tempo que as crianças crescem, elas começam a se dar conta que não existem heróis e que, nem sempre, o bem prevalece sobre o mal de modo que, outra forma de se trabalhar com a contação de histórias - e, portanto, a necessidade de repensarmos nossa prática docente se torna tão importante - passa a se fazer necessária. E, nesse sentido, remeto aqui a prática docente de uma minhas alunas de graduação de pedagogia, Paula Maísa, que, a luz da teoria freireana e da ideia de uma pedagogia situado, optou por utilizar com seus alunos de 10/11 anos as histórias de contos de fadas originais dos Irmãos Grimm.

Movimento esse que gerou entre os alunos de Paula Maísa, estes oriundos de classes populares, grande euforia e interação quando estes, ao final da história de branca de neve, descobrem que a vida não é tão doce e bonita e que, na realidade, branca de neve, não foi salva pelos príncipe, mais sim teve seus pés colocados dentro de um sapato em brasa pelos guardas do rei.



Algo um tanto quanto inusitado de se esperar, mas que, em muito se aproxima do dilema de Rodion Románovitch Raskólnikov, um jovem estudante que comete um assassinato e se vê perseguido por sua incapacidade de continuar sua vida após o delito, que escritor russo Fiódor Dostoiévski, narra com tão grande maestria em sua obra Crime e Castigo. Romance esse que se baseia numa visão sobre religião e existencialismo que tem como foco predominante a ideia de se atingir salvação por sofrimento e que, em muito se aproxima da realidade das crianças das classes populares e do imaginário religioso tão comum a

esse segmento. Dito isto, tem-se então que durante a infância a criança vive em constante conflito, entre o que é imaginação e o que é realidade. E, cabe a nós professores amenizar essa confusão e preparar essa criança para um futuro próximo, porém de uma forma lúdica.

Neste sentido, tem-se que é comum observar nestes essa curiosidade pelo futuro através das brincadeiras, onde meninas brincam de bonecas e panelinhas e meninos com carrinhos e bola de modo que, isso, nada mais é do que uma preparação, onde a criança se vê em situações do seu dia a dia e as reproduz na hora de brincar. Pois brincar é um ato cultural de modo que as crianças ensaiam a vida real com brincadeiras, assim como os animais que ensaiam situações de caça para se prepararem.

O preocupante é que durante as brincadeiras o perigo não é previsto e ai entram em ação os contos de fadas, para mostrar que no futuro, estes, encontrarão pessoas de má índole, que não é certo mentir e sim revelar a verdade por pior que ela possa ser, que sempre devemos acreditar que no final as coisas darão certo ou pelo menos que tudo irá se resolver da melhor forma possível, que a inveja é um sentimento medíocre e que a bondade é a melhor coisa que deve habitar em nosso interior.

Desta feita, temos então que os contos de fada trazem um entendimento lúdico para a criança, fazendo com que a mesma se identifique com algumas partes da história e solte a imaginação, permitindo que seu inconsciente absorva a moral da estória de modo que, estas, alguns anos depois, se darão conta de que o temido Lobo Mau existe sim em nosso mundo, mas de uma forma real, podendo ser algum estranho, que venha a ter más intenções e que devemos nos manter alerta. Que o “pavoroso” Velho do saco também existe, porém não passa de um morador de rua, que durante muito tempo foi usado para assombrar nossa infância, fazendo com que mantivéssemos o bom comportamento para não correr o perigo de ser levado por ele. Irão descobrir que a sociedade está cheia de “madrastas”, mas não como a figura propriamente dita e sim pessoas invejosas tentando se sobressair e, deverão saber lidar com as situações que saíram do papel e estarão estampadas em sua frente.

## **Considerações Finais**

Corso (2006) nos diz que muitos contos foram criados por camponeses, que contavam histórias para suas crianças ao redor de fogueiras objetivando alertar sobre os perigos e, como podemos ver, eles parecem continuar tendo grande efeito, pois a moral das histórias é absorvida pela criança que está atentamente ouvindo a contação e



imaginando o cenário, os personagens, ou até mesmo se imaginando em tal situação. e neste sentido, o presente relato de Paula Maísa ilustra bem isso quando esta relata que:

Foi trabalhado na sua escola, as estórias da Chapeuzinho Vermelho durante um tempo com crianças de quatro e cinco anos para estreitar questões de comportamento, em uma escola que era localizada em frente a uma praça. Todos os dias, as crianças costumavam brincar no pátio da escola e eu como professora observava atentamente as brincadeiras realizadas por eles, quando notei um homem sentado em um banco da praça por muito tempo e comentei o fato. e, então, uma criança de cinco anos me questionou: Profe, será que ele não é o Lobo Mau? Neste momento percebi que a mensagem da história tinha sido passada e absorvida por aquela criança. Ou quando ao perguntar para outra criança sobre a história, ouvi a seguinte resposta: A Chapeuzinho não fez o que a mãe dela disse e o Lobo queria pegar a cesta de lanche dela, isso é feio, cada um tem o seu lanche! Percebi que havia conseguido passar os perigos da realidade e plantado uma sementinha de consciência em meus alunos.

Disto depreende-se que, nessa idade os pequenos estão em meio a realidade e a fantasia, pois quando questionados sobre Pinóquio, entendem que a moral da história é: Não mentir. Mas dizem que o personagem é um menino de madeira, não sabendo distinguir se é um boneco ou um ser humano. Contudo, quando crescem levam para si tal mensagem.

Contudo, o grande perigo - e aqui me refiro ao *desafio da baleia azul* - reside justamente no fato de que, este, por apresentar como um jogo onde fases devem ser superadas, me grande parte nos remete e cria um ambiente mágico e imaginário que tenhamos em nossa infância, o que denominamos de círculo mágico, o qual suprime a realidade naquele momento, envolvendo a criança/jovem e fazendo-a imaginar que está ouvindo e sempre deixando um ensinamento, de modo que, o perigo não é uma constante.

Contudo, se o universo do jogo *o desafio da baleia azul* nos remete para o interior do círculo mágico ao estilo dos bons RPG's tem-se que, os desafios por ele impostos para se passar para um outro nível estão para além do mundo da fantasia e exigem do jogador a realização de tarefas e desafios que estão no âmbito do mundo real, onde, não existente um novo recomeçar para um fim triste.

## **Referências**

CORSO, D. L. Fadas no divã: a psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DURKHEIM, É. 2013. Educação e Sociologia. Petrópolis: Vozes, 1975.

HUIZINGA, J. Homo Ludens, O jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2001.

PIAGET, J. O possível e o necessário: evolução dos possíveis na criança (Volume 1). Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

\_\_\_\_\_. O possível e o necessário: evolução dos possíveis na criança (Volume 2). Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991.